

DICIONÁRIO DE PROVÉRBIOS, ADÁGIOS, DITADOS, MÁXIMAS, AFORISMOS E FRASES FEITAS

dicionários temáticos

compilação de

Maria Alice Moreira dos Santos

prefácio de

Adriana Baptista

taxinomia de

Milice Ribeiro dos Santos

Eric Many

Rita Castro Neves



PORTO EDITORA

Índice Geral

Os meus provérbios	7
Prefácio	9
Nota Explicativa	15
Provérbios, adágios, ditados, máximas, aforismos e frases feitas	19
Índice Remissivo	353
Índice Temático	429

Prefácio

“El lenguaje nos sitúa a medio camino entre lo personal y lo comunitario. Hablamos voluntariamente una lengua que se impone a nuestra voluntad.”

José Antonio Marina¹

Qualquer acto linguístico encerra nas suas palavras, sem que disso, muitas vezes, o falante se aperceba, a capacidade de explicar o mundo. Quer isto dizer que as palavras se estruturam de molde a evidenciar valores significativos que nos desvendam a realidade e onde aprendemos a mover-nos dado que provocam e condicionam as nossas leituras sobre o mundo e nos permitem entendê-lo.

Utensílio multifacetado abusivamente capaz de caber em mil contextos o provérbio que anda de boca em boca e que quase a cada falante se transmuta é sem dúvida, e por isso mesmo um acto de polivalência linguística. Enquanto estrutura linguística capaz da construção e/ou manutenção da realidade social, o provérbio fixa uma forma particular de traduzir verbalmente o modo como o homem ousou resolver as suas relações com o inexplicável, com o que o oprime ou amedronta

“Um mal nunca vem só.”

ou tão-só com o quotidiano e o inevitável.

Hoje, o provérbio reflecte, por vezes, um enorme imobilismo cultural e, exactamente pela sua atemporalidade aparente (aquilo que parece ser uma verdade universal e atemporal é frequentemente política e sociologicamente incorrecto) denuncia valores de estatismo e receio de mudança, que, não raro, consubstanciam atitudes de conservadorismo e de submissão.

Não interessa, aqui, discutir a sua origem, se popular como todos parecem pensar, se burguesa como defende Fernando Ribeiro de Mello² mas sim, a sua utilização que é, ainda hoje, frequente mas cada vez mais condicionada a certas especificidades contextuais. A actualização discursiva dos provérbios deixou de ser apenas uma opção nas interacções comunicativas espontâneas com objectivos meramente ilustrativos (repetindo o que sempre se ouviu dizer mesmo que nem sempre se tenha tido por certo) e passou a ser uma opção consciente, pragmaticamente programada para atingir determinadas finalidades, uma estratégia de convencimento que joga com a memória cultural. Deles se serve, actualmente, o discurso político, o discurso publicitário e o discurso parental entre outros. Com eles se faz crer, se justifica, se assegura, se interrompe uma argumentação, se refuta uma explicação, se estrutura uma falácia.

¹ Marina, José Antonio (1998) *La Selva del Lenguaje*. Ed. Anagrama. Barcelona (pág. 31)

² Mello, Fernando Ribeiro (1974) *Nova Recolha de Provérbios e outros Lugares Comuns Portugueses*. Ed. Afródite. Lisboa

E se por um lado alguns provérbios tornaram possível a preservação de uma forma de saber resultante da relação empírica com os fenómenos naturais, agrícolas, climatéricos, biológicos ou outros,

“Quem em Maio não merenda com os mortos se encomenda.”

por outro, é certo que muitas das condições, mesmo as naturais, na origem desses mesmos fenómenos se alteraram e, hoje, a asserção previsível e as relações causa-efeito neles enunciada nem sempre faz sentido.

Aí se anunciam, por vezes, falsas verdades em que apenas é possível acreditar porque se encontra na cadeia verbal dos provérbios o molde que as enforma, mergulhadas num pretenso saber impessoal, dogmaticamente transmissível e dificilmente questionável, sancionado pela ancestralidade da sua origem. Presos e prisioneiros de uma lógica frequentemente esgotada na sua intratextualidade

“Quando em Março arrulha a perdiz, ano feliz.”

são, porém, um manacial de estratégias de verosimilhança pelas quais também os falantes se deixam prender agidos por uma lógica de ritmos e sentidos onde a previsibilidade semântica é um jogo adivinhado em seculares reminiscências.

Com eles dizemos despidoradamente o contraditório e o ilógico, por magia, súbita e irreversivelmente, óbvios.

É, porém este vector mágico dos provérbios que frequentemente nos fascina.

E a sua magia não é alheia ao facto de serem originários de uma tradição da oralidade. Dela recuperam uma forte melodia encantatória,

“Março, Março, manhã de Inverno, tarde de Verão.”

feita de ritmos breves corporalizados em estruturas frásicas paralelas e/ou antitéticas, em rimas internas e emparelhadas e em trocadilhos verbais. Estes são ajudados por múltiplas elipses que tornam o texto rápido, deslizante até.

“Por São Tomé, todo o tempo noite é.”

Este ritmo faz os provérbios, frequentemente, impositivos e a sua apreensão quase caústica. Célere e inelutável.

Recolher e registar, por escrito, este fluxo da oralidade não é de modo nenhum uma sequência inevitável decorrente do facto de serem ditos e ouvidos. Nesta dupla dimensão os provérbios estão irremediavelmente sujeitos à fugacidade e à mudança e assim sobreviveram durante muito tempo. Capazes de estruturar uma interacção momentânea, investem-na de uma força locutória que não precisa de ser conquistada por quem os usa, antes, porém, advém do simples facto destes fazerem parte de uma memória colectiva e de não serem produções, mas tão-só reproduções individuais.

A recolha e registo é, ela sim, um acto individual, um acto de fascínio e de paciência e, quando a recolha é pessoal e não apenas o confronto de compilações, é também um facto do vivido. Mas registar é também fixar, tornar estático o móvel. Nesta passagem do oral ao escrito é possível transmutar as evocações, que os provérbios encerram, e que apenas são apreendidas e não propriamente conhecidas aquando da sua descodificação auditiva, em informações que poderão transformar-se, estas sim, em objecto de conhecimento e reflexão.

“Quanto mais me dá a minha galinha amarela, mais eu quero por ela.”

Assim, se é certo que o registo escrito rouba os provérbios aos seus espaços tradicionais e os lista arbitrária e alfabeticamente, também é certo que apenas este mesmo registo escrito põe a descoberto num imenso intertexto a multiplicidade das suas informações implícitas permitindo-nos recuperar e explicitar todas as ambiguidades e as múltiplas metáforas e metonímias abusivas de que é feita a trama dos provérbios.

Fixos na escrita, isolados dos contextos das interacções discursivas espontâneas e, assim, descontextualizados, os provérbios tornam-se, quando lidos no seu conjunto, objectos de uma atitude social de submissão e ao mesmo tempo de denúncia de uma forma de pensar quantas vezes aceite sem qualquer objecção, antes alívio, dado que frequentemente corporalizam uma solução para um dado do quotidiano sobre o qual não é preciso e/ou permitido pensar. Só quando a escrita os regista e só então, eles podem ser alvo de estudo, perdida irreversivelmente a componente imediatista de que a oralidade os impregna. Na oralidade são, muitas vezes, apenas frases musicais,

“Mulher formosa, ou louca ou presunçosa.”

“Médico velho, cirurgião novo, boticário coxo.”

na escrita, são asserções, que a irreversibilidade estiola.

Alvos, então, da nossa reflexão não é, pois, descabido evocar aqui a importância dos seus valores de (in)verdade, ou melhor dizendo de verosimilhança ou ainda melhor, usando a terminologia de Greimas³ de veridicção discursiva.

Se dos provérbios não se pode dizer, em absoluto, que falem verdade, o certo é que ao serem ditos estes evidenciam um acordo tácito entre quem os diz e quem os ouve e os aceita no sentido de servirem para todas e cada uma das interacções discursivas como ilustrações daquilo que o discurso pode fazer crer que é verdade.

Esta faculdade de veridicção não é, no entanto, independente da identidade do locutor e da especificidade dos contextos. Está já longe o tempo em que os provérbios eram ditos como a voz da razão e conferiam estatuto a quem os sabia e proferia. Hoje, os provérbios paralelamente à forma como circulam popularmente são uma estratégia meditada para fazer crer. Os seus campos de acção alargam-se ainda mais, fruto de interpretações metonímicas e são hábeis a afirmar quase sem dizer. Jogam com a memória dos ritmos frásicos e são capazes de trocadilhos mentais, isto é hoje é possível dizer apenas a primeira parte de um provérbio e esperar que todos e cada um o complete

“Tantas vezes vai o cântaro à fonte...”

e se a todos e cada um pertence a sua memória então é certo que é um valor de verdade.

Saídos da intimidade das interacções onde dizê-los assumia a ludicidade do despique, usufruem, agora, de uma enorme visibilidade, afixados nas pancartas publicitárias ou nos livros escolares. Fora da voz e do saber individual de um locutor familiar ganharam outra voz, e surgem enquanto elementos de um património colectivo. Deixaram de ser inferidos para passarem a ter de ser inevitavelmente aprendidos.

António Moreira⁴ diz que a adaptação actual dos provérbios a novos contextos não faz com que estes percam o seu valor dado que é sua característica a adequação a múltiplas situações,

³ Greimas, A. J. (1983) *Du Sens II*. Seuil. Paris

⁴ Moreira, António (1998) *Provérbios Portugueses*. Coisas Nossas. Editorial Notícias. Lisboa

mas parece certo que se nada lhes retira, lhes acrescenta uma outra função que a anterior situação de oralidade pontual e dependente de memórias individuais não parecia capaz de lhes atribuir, a de expandir os seus valores de verdade para o *a-acontecer* ao contrário de os concentrar na justificação do acontecido.

Tal parece possível porque o provérbio respeita a estrutura fechada da inevitabilidade frásica

“Jogarás, pedirás, roubarás.”

e pode facilmente por isso parecer que anuncia e não que resume, confundindo experimentado e previsível.

O que parece de sobremaneira interessante quando analisamos um conjunto de provérbios é que o seu valor de verdade pode ser do mesmo modo acatado a todos os provérbios independentemente de enunciarem situações opostas

*“Quem espera, desespera.” vs “Quem espera, sempre alcança.” ou
“Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje.” vs “O que não se faz no dia de Santa Luzia faz-se noutra qualquer dia.”*

como se, para além de outras, lhes coubesse a irónica função da internegação sem que por isso pudesse ser posta em causa a sua capacidade de veridicção. Ou seja, o provérbio encerra em si e não no que enuncia a função mágica de afirmar a verdade, auto-validando-se e fazendo-se parecer saído do grande livro da onisciência só porque admite ser dito.

E, em conjunto, colocam-se à nossa disposição como se de um enorme banco informatizado de actos de fala⁵ se tratasse. Parecem estar formulados desde sempre, prontos a ser usados conforme as necessidades discursivas, apenas precisando de ser codificados e decodificados pelos interlocutores dispensando, assim, quer a elaboração quer a interpretação. Funcionariam, pois, como actos de fala pré-elaborados ao dispor de um colectivo que os actualizaria conforme as necessidades contextuais. O seu aspecto ilocutivo seria basicamente o de fazer crer e o perlocutivo o de validação verbal da realidade. Tal explicaria algumas das razões da sua utilização quase mecânica e da total ausência de contestação aos seus conteúdos semânticos.

Poderíamos aqui dissertar acerca da perversidade de certas estruturas verbais que, armadilhas, só se resolvem na competência do alocutário mas no que respeita aos provérbios a sua complexidade é tal que o alocutário estará sempre numa situação de sujeição e, por isso mesmo, de para-competência e não competência

“Parto ruím, filha no fim.”

já que, como vimos, fica sujeito a uma certa magia e a aceitar as evocações que neles abundam e que o tempo e os contextos validaram antes de terem sido proferidas.

Muitos dos que reproduzem os provérbios provam bem a pouca atenção que prestam às informações neles contidas ao serem incapazes de reter na memória a correcção da sua estrutura frásica, transformam-nos numa paródia de si mesmos, mantendo as curvas melódicas mas errando as sequências ou as palavras.

“Ter a pedra atrás da orelha” ou “Ter a pulga no sapato.”

Apesar da sua forte componente mnemónica tal não é estranho porque grande parte da sua estrutura assenta tanto no ruído como na informação.

⁵ Cf. Searle, J. (1969) *Speech Acts*. Cambridge University Press

Distantes de certas realidades descritas nos provérbios somos atingidos por um certo *déficit* na previsibilidade das suas lógicas, erramos na interpretação de alguns índices e tornamo-nos quase estrangeiros a expressões que outros tempos faziam inevitavelmente coerentes e ficamos assim gostosamente à mercê do ruído. Já falámos nas elipses e subentendidos, nos trocadilhos, rimas e antíteses mas o léxico concorre também, sem dúvida, para este fenómeno que é o ruído nos provérbios.

“Arrebóis de manhã trazem água à noite, arrebóis à noite trazem Sol de manhã.”

Não podemos entender, aqui, ruído como algo de pernicioso mas antes, na sequência do que enuncia Sebeok⁶, como aquilo que é capaz de reduzir o manancial da informação, podendo até ser voluntário e benéfico na comunicação.

É, por vezes, o desconhecimento sobre o conteúdo semântico de determinada palavra num provérbio que faz com que o seu ritmo não se sobreponha à sua compreensão e que sejamos levados a pensar sobre os seus conteúdos.

E é também dessa forma de ruído que depende o nosso encantamento quando, seus ouvintes, ficamos incapazes de conhecer a totalidade do que dizem e porém, crédulos do que enunciam, como se cada um deles evocasse em nós a sensação mágica de crença em tudo aquilo que é dizível mesmo que não se compreenda.

Ora, o léxico que aos borbotões se alinha nos provérbios denuncia paganismos e religiosidades, certezas e dúvidas, origens populares e eruditas numa torrente incontrolável que vinda de todos os passados ultrapassa a contemporaneidade e com ela a nossa capacidade de conhecer. Aptos apenas para saber do que falam, limitamo-nos a registar os seus ecos em nós e a aceitar o ruído que fecha algumas portas da sua cabal interpretação e abre outras à magia da sua aplicabilidade.

Ora, se como diz José António Marina⁷ o léxico é o nexa entre o mundo dos significados e o mundo das expressões e se dos provérbios brotam palavras que o tempo gastou ou deturpou, afastou de espaços de uso e adoçou ou encheu de afectos, então é certo que o léxico contribui para acrescer um capital de magia às estruturas proverbiais. Nele nos perdemos e por ele nos deixamos encantar, eco de ressonâncias do que a nossa língua encerra, a meio caminho, de facto, entre o individual e o comunitário.

Adriana Baptista
Linguista, Professora Adjunta da
Escola Superior de Educação do Porto

⁶ Sebeok, Thomas (1991) *A Sign is just a Sign*. Bloomington: Indiana University Press

⁷ Marina, José Antonio (1998) *La Selva del Lenguaje*. Ed. Anagrama. Barcelona (pág. 233)